

---

**Em Defesa de Marx**  
**Contra a Pseudocrítica e os Ataques Pessoais**

---

**Ralk Ramx**

---

O pensamento de Marx é muito debatido. Tantos defensores quanto ofensores já escreveram milhares de páginas sobre ele. Dentre os comentaristas de Marx se encontram apologistas que concordam com tudo que ele afirmou; discípulos que concordam com quase tudo que ele disse; autores que o consideram um grande pensador e com grande números de ideias acertadas; pesquisadores que o tratam como um pensador datado e que suas ideias são importantes apenas para o século 19; críticos que consideram a maior parte de suas ideias equivocadas; adversários que consideram que o seu pensamento em conjunto é equivocado; detratores que consideram que ele personifica o mal e tudo que fez e escreveu é ruim e deve ser condenado.

Porém, Marx foi um autor extremamente deformado, tanto por partidários quanto por críticos. Ele também foi vítima de calúnias e ataques pessoais. Uma das estratégias discursivas dos inimigos de Marx mais utilizada é justamente o ataque pessoal para desqualificar suas ideias. Esse é um tipo de pseudocrítica muito comum e bastante utilizado pelos retóricos. As teorias de Marx que foram criticadas (teoria do mais-valor, teoria da história, teoria do capitalismo, entre diversas outras) receberam defesas bastante convincentes de alguns de seus principais continuadores, como Korsch, Rubel, entre outros. A defesa do indivíduo Karl Marx foi realizada por alguns, mas de forma problemática ou excessivamente resumida. O objetivo do presente texto é justamente realizar uma defesa de Karl Marx contra os ataques pessoais que ele sofreu, tanto em vida quanto após sua morte.

Quais ataques pessoais são esses? Um deles é acusá-lo de ter tido um filho com a empregada que servia sua família. Outro ataque o acusa de “frieza” diante dos demais, especialmente Engels. Há também aqueles que o condenam pela morte de seus filhos. Os

anarquistas e liberais gostam de acusá-lo de autoritarismo. A sua situação de miséria é também citada por outros. Alguns conservadores o acusam de “satanista”. Alguns destacaram sua suposta arrogância. Existem outras pseudocríticas, mas essas são suficientes para os objetivos aqui estabelecidos.

Marx teve um filho com a empregada? Aparentemente sim. Não é possível dizer isso com toda certeza. O filho poderia ser de Engels (ou de uma terceira pessoa) e ao invés desse ter ajudado Marx assumindo a paternidade da criança, poderia ter sido o contrário. Essa é uma hipótese. Muitos a acharão absurda por confiar totalmente no relato atribuído a Engels. De qualquer forma, pelas informações existentes, existe uma grande probabilidade de que Marx seja o pai.

Partindo do pressuposto de que ele realmente teve um filho com a empregada (ou “governanta”, como alguns dizem, o que é pouco exato, já que a família não tinha outros empregados), restam as perguntas: o que isso significa? Isso desqualifica suas ideias? Em primeiro lugar, trata-se apenas de moralismo. O moralismo é uma concepção rígida que dita normas de comportamento que todos devem seguir e tudo que sai disso é condenado. Ora, nem o mais extremista moralista segue à risca as normas de conduta que defende, inclusive o mais comum é que os moralistas sejam expressão do que ficou conhecido como “falso moralismo”. A hipocrisia é o que domina maioria desses pseudocríticos de Marx, pois ele pregam (e exigem dos outros), mas não cumprem. O fato de Marx ter tido, supostamente, um filho com a empregada, remete às condições concretas e particulares que envolvem os dois indivíduos e os demais que conviviam com eles. Não é possível saber da situação concreta em que isso ocorreu e seus milhares de aspectos particulares, bem como o processo que tornou tal acontecimento possível. Quem vai saber qual era a situação? Quais processos, desde necessidades sexuais de cada um dos indivíduos envolvidos, outras possíveis motivações, processos de convivência, conflitos relacionais externos, situação emocional e sentimental, etc. estavam envolvidos?

A empregada era Helena Demuth, que seria, segundo alguns relatos, “militante socialista”. Pouco se pergunta sobre ela e a responsabilidade dela nesse processo. A narrativa comum era a de que a relação que supostamente existiu entre ela e Marx foi quando a esposa deste viajava. A história mostra que homens de relativo sucesso, riqueza, poder, reconhecimento, é atraente para muitas mulheres e basta ver os indivíduos ricos,

poderosos, e seus casos geralmente com mulheres mais jovens e belas. Essa atratividade dos indivíduos do sexo masculino é um processo social comum na sociedade capitalista, pois são vistos como qualidades e que geram benefícios, ou seja, tanto no nível da atração sexual em si quanto do interesse financeiro ou por segurança, por outro. Numa sociedade capitalista, na qual a situação da mulher, especialmente no século 19, era de subordinação (com menos acesso a emprego, etc.), então esse segundo elemento era mais forte do que hoje em dia.

Porém, existe uma hierarquia social e as mulheres que não tem acesso aos indivíduos mais ricos e poderosos, mas acessam setores intermediários ou, até mesmo, dos menos favorecidos. Assim, mulheres podem se apaixonar (atração sexual) ou se interessar (interesse financeiro ou de segurança, entre outros) por homens que possuem uma importância relativa em certos grupos dentro da sociedade, inclusive líderes de gangues e de torcidas organizadas, entre diversos outros. Sendo Helena Demuth uma militante socialista e Marx, já conhecido internacionalmente nos meios militantes, então não é demais supor que ela tivesse atração por ele e isso deve contar no processo analítico desse caso concreto. Isso não quer dizer que estaria tudo normal e que foi necessariamente dessa forma, mas apenas mostra a complexidade da situação. Se esse processo efetivamente ocorreu, seria necessário uma análise mais profunda, e para além dos moralismos, e, mesmo não tendo ocorrido assim, se encontraria vários outros aspectos a serem considerados.

Obviamente que isso não significa que não houve nada ou que tudo pode ser desconsiderado, mas além de condenar o possível ato que derivou a geração de um filho, é preciso saber que isso ocorre em contextos e situações muito variáveis e que apenas o moralismo condena tudo sem saber das situações concretas. Talvez Marx, em outra situação, não tivesse “cedido à tentação”, por exemplo. Qual era sua situação psíquica (emocional, sentimental, sexual) dele naquele momento? E dela? Outra coisa seria se tivesse ocorrido em diversos outros casos semelhantes, por exemplo. Um ato problemático na vida não é suficiente para condenar um indivíduo, mas, pode-se argumentar, quando isto é repetido diversas vezes, aí não tem como desconsiderar sua responsabilidade. Retirar a vida de um indivíduo é um dos atos humanos mais condenáveis. Nem por isso se pode condenar todos os atos de homicídio que existiram na

história da humanidade da mesma forma e sem considerar o contexto. Inclusive, juridicamente, existe a “legítima defesa”, como um desses contextos em que nem no plano jurídico se toma o ato por ele mesmo independente das condições concretas e particulares em que ocorreu. Uma pessoa responsável pela morte de outra por acidente e contra sua vontade, não está na mesma situação de outra que comete homicídio deliberadamente ou de alguém que fez isso diversas vezes.

Outro elemento é o filho. Marx deveria ter assumido o filho, considerando a hipótese de ser realmente o pai dele? O filho não ficou totalmente desamparado, pois ficou aos cuidados de Engels, filho de um capitalista e, portanto, um indivíduo com condições financeiras mais que suficientes para cuidar dele, embora o tenha encaminhado para adoção. Não se sabe exatamente como ocorreu esse processo. Por exemplo, ninguém sabe se Marx realmente se considerou pai da criança. Esse elemento é algo que deve ser levado em consideração para saber de sua atitude diante do suposto filho. O que se sabe é que possivelmente Engels assumiu a paternidade.

O que interessa, aqui, no caso de Marx, é que a simplificação moralista é apenas condenatória, passando por cima de um conjunto de problemas e da complexidade da situação, bem como do caráter hipotético e não inquestionável do acontecimento. Não se trata de considerar o que realmente ocorreu, como ocorreu, quais os processos envolvidos, basta dizer que ocorreu e condenar.

Assim, essa longa discussão sobre tal questão serve apenas para mostrar que a realidade e a vida individual de Marx é mais complexa do que a mera constatação de um possível ato e sua condenação moralista. Isso vale para todas as demais acusações. Uma dessas é querer condenar Marx por ter vivido parte de sua vida, após o casamento, na miséria. Essa é apenas uma condenação moralista tipicamente burguesa, que considera a miséria algo deplorável e inaceitável. Alguns até apontam, hipocritamente, como se fosse culpa dos indivíduos estarem nessa situação. A miséria temporária de Marx foi produto de seu projeto de vida num contexto desfavorável. A sua decisão de lutar pela revolução social e instauração de uma sociedade igualitária e fundada na liberdade, bem como de, coerentemente com isso, criticar as instituições, governos e produzir ideias e efetivar ações a favor disso, numa época em que a democracia burguesa nem sequer existia efetivamente, lhe fechou muitas portas e promoveu a situação temporária de miséria.

A coragem do indivíduo Karl Marx é algo admirável e não uma coisa condenável. Ele pagou por isso. Ele foi indicado para trabalhar numa universidade e ficou apenas uma semana, sendo demitido por causa de um panfleto de crítica à religião. Ele foi expulso de três países por ser coerente e manter suas ideias e projeto político. Nesse sentido, o seu período de miséria não foi derivado de indolência, falta de capacidade de trabalhar, etc. Isso foi derivado de sua coragem, coerência e honestidade, por um lado, e pela intolerância que a sociedade capitalista tem para com aqueles que efetivam esse processo, num contexto histórico delimitado (esse processo continua existindo, mas muda de forma e pode variar em intensidade).

A miséria pela qual passou Marx não deveria ser algo condenável e sim o contrário. Inclusive repete a velha história do herói que é castigado pelos detentores do poder devido ao seu heroísmo. Ao elogiar Prometeu, aquele que roubou o fogo dos deuses para doar e salvar a humanidade e por isso foi castigado ao ser preso numa rocha e ter seu fígado comido eternamente por uma águia, ele revelou um pouco do que ele era (em termos psicanalíticos isso pode ser entendido como identificação: os indivíduos se identificam com aqueles que lhes são mais semelhantes, tal como os heróis, por exemplo)<sup>1</sup>.

Marx viveu na miséria por algum tempo por ser coerente e por não ser egoísta e se preocupar apenas consigo mesmo. Esse é um ato heroico e não um ato condenável. Da perspectiva dos conservadores, esse não é um ato elogiável, pois sob o signo da competição, da busca desenfreada por dinheiro, da busca do poder, isso é tolice. O humanismo de Marx e seu vínculo com a luta dos explorados, da classe operária, é algo inaceitável de uma perspectiva burguesa. Essa é, porém, uma perspectiva medíocre e desumana, além de ser datada historicamente. Os milhares de burgueses e aspirantes a burgueses (indivíduos que querem a riqueza e por isso adotam os valores dominantes, embora nunca consigam adquirir uma situação de enriquecimento, com raras exceções) que optaram pelo seu individualismo e egoísmo, bem como pela ideia da “luta pela sobrevivência” a qualquer custo, incluindo corrupção, trapaça, roubo, etc., não podem

---

<sup>1</sup> A grande maioria dos indivíduos se identificariam com Zeus, o Deus dos deuses, e detentor do poder, o que mostra que estão de acordo com os valores dominantes na sociedade atual e, por isso, muitos condenariam Marx por se identificar com o humanista e contestador Prometeu.

compreender Marx. Porém, o que interessa aos trabalhadores em geral e proletários em particular é entender que essa forma de pseudocrítica revela apenas a mesquinhez do pseudocrítico e a grandeza de Marx.

Ao lado dessa pseudocrítica vem a acusação sobre as mortes de seus filhos. Marx teve sete filhos, sendo que alguns (04) morreram logo após ao nascer. Alguns podem criticar essa quantidade de filhos. Porém, naquela época, era comum não só ter muitos filhos, como também muitos não sobreviverem. Até algumas décadas atrás, nas famílias das classes inferiores, especialmente nas camponesas, o número de filhos era elevado. Porém, naquela época, a grande quantidade de filhos era relativamente comum até para as famílias abastadas. Marx era de uma família de oito filhos. Jenny, filha de Marx, teve seis filhos, sendo que dois morreram ainda crianças, o que ocorreu algumas décadas depois do caso do pai. Sem dúvida, a cultura da época, os valores vigentes (sendo que o consumismo, o que promove uma tentativa de reduzir o número dos filhos por causa da despesa e da perda de capacidade aquisitiva, não existia naquele momento), não entravam em contradição com famílias extensas. Da mesma forma, os métodos contraceptivos não eram tão avançados quanto hoje.

Não só a taxa de natalidade era elevada, mas a de mortalidade também. Isso era relativamente comum. O estágio de desenvolvimento da medicina, as condições sanitárias da época, entre diversas outras determinações, explicam esse fenômeno que não foi apenas da família de Marx. A pseudocrítica a esse respeito apenas é oportunista ou, no mínimo, anacrônica. Não houve nada de responsabilidade de Marx para que ocorresse os falecimentos dos que morreram ainda na infância.

Os sete filhos de Marx foram Jenny Caroline (1844-1883), Jenny Laura (1845-1911), Edgar (1847-1855), Henry Edward Guy (1849-1850), Jenny Eveline (1851-1852), Jenny Eleanor (1855-1898) e um que faleceu antes de ser nomeado, em julho de 1857. A morte de quatro filhos, por sua vez, teve impacto psíquico em Marx e sua esposa, o que nunca é analisado diante de suas ações e obras.

Outra acusação em relação a Marx foi o caso de suicídio de suas filhas. Eleanor se suicidou (embora alguns lancem a hipótese que possa ter sido assassinada) em 1898, após traição e abandono do marido, o social-democrata Edward Aveling (que era desaprovado tanto por Jenny, sua mãe, quanto por Marx). O outro suicídio foi de Laura

Marx, casada com o social-democrata Paul Lafargue. Porém, esse suicídio teve outra motivação. O casal resolveu se suicidar por causa da velhice. Segundo alguns pesquisadores colocam, o casal foi ao cinema, compraram doces e logo após se suicidaram, deixando um bilhete na qual explicam a razão do suicídio. O bilhete coloca que, apesar de estarem saudáveis de mente e corpo, a “velhice implacável” iria retirar a energia e a vontade, além de paulatinamente ir retirando os prazeres e alegrias, tornando-os um fardo para os demais. Esse foi o motivo alegado. Laura estava com 66 anos e Lafargue com 69 anos.

Os detratores de Marx pegam esses acontecimentos trágicos para condená-lo, novamente sob forma moralista, e nem mesmo se dão ao trabalho de saber das motivações. O raciocínio é moralista e maniqueísta. O moralismo se revela: o suicídio é condenável. As filhas de Marx se suicidaram, isso é condenável. O que fica subentendido é a responsabilidade de Marx, já que querem desqualificá-lo por causa disso: se as filhas de Marx se suicidaram, e Marx era o responsável, então ele como pai é condenável. Esse raciocínio simplista, na mentes desses detratores, é complementado por outro, o maniqueísmo. As filhas de Marx se suicidaram; Marx era mau; logo, elas se suicidaram por ele ser mau. Esse pseudo-silogismo revela apenas maniqueísmo e uma análise que apenas distingue entre o bem e o mal, e Marx representa o mal. As razões dos dois suicídios não tem nenhuma relação com Marx. Num caso, foi um problema amoroso e relacional; noutro, foi posição diante da velhice que se aproximava.

Sem dúvida, outros elementos contribuíram com esse processo. A sociedade capitalista, por exemplo, com as relações amorosas marcadas por conflitos, por indivíduos ambiciosos (inclusive a informação que circula é a de que Edward Aveling queria extorquir dinheiro de Eleanor no dia em que ela cometeu suicídio), entre diversos outros processos, inclusive mentais. A questão da velhice numa sociedade capitalista é outro grave problema e que tende a se tornar ainda mais profundo com o aumento da longevidade e manutenção de uma sociedade que gira em torno do dinheiro. Marx, antes do suicídio de suas filhas, que ocorreu após a sua morte, já havia analisado documentos policiais sobre suicídio e explicou esse fenômeno como produto da sociedade capitalista.

E essa pseudocrítica a Marx por causa dos filhos deixa de lado o sofrimento dele e a relação estabelecida entre pais e filhos na sua família. Os relatos apontam para um

bom pai com excelente relacionamento com as filhas, desde a infância, que vai desde relatos de visitas e amigos até o das próprias filhas. Se alguém quisesse acusar Marx de responsabilidade pelo suicídio das filhas, seria necessário averiguar a forma de relacionamento estabelecido entre ele e elas. A sua desaprovação (bem como de sua esposa) em relação aos futuros genros, Edward Aveling e Paul Lafargue, por exemplo, não gerou nenhum conflito ou busca de impedimento de relacionamento das filhas.

Outra acusação era a de que Marx era frio e pouco se preocupava com as pessoas, como sua carta falando de dinheiro para Engels quando este lamentava a morte de sua mãe. A leitura da carta na qual Marx lamenta a morte da mãe de Engels é acompanhada de uma solicitação de dinheiro, que parece um tanto abrupta. O próprio Engels reclamaria do acontecido, segundo alguns relatos. Contudo, a situação financeira de Marx, nesse momento, era a de pobreza e necessidades urgentes. Isso é, no mínimo, um atenuante. Sem dúvida, seria possível ele ter dedicado mais tempo e espaço para lamentar a morte da mãe do amigo, bem como poderia até escrever uma outra carta logo em seguida tocando na questão do dinheiro.

Difícilmente se poderia dizer que é insensibilidade, não só pelo contexto, mas também por se tratar de uma carta e não de um encontro pessoal. Em cartas, assim como hoje em dia via e-mail ou contatos virtuais, os sentimentos não se manifestam, nem as emoções e os embaraços. Tanto é que surgiram várias formas de tentar simbolizar as emoções e os sentimentos, seja o coração como símbolo, o riso, etc., tal como nos chamados “emojicons”. A escrita é mais racional e pouco sentimental, embora possa veicular sentimentos, mas ou de forma explícita e que carrega pouca carga sentimental, tal como escrever “eu te amo” ou “estou triste”, ou então na forma narrativa, como em romances ou descrições que revelam situações nas quais os sentimentos são despertados, tal como o anúncio de uma morte ou um romance que mostra o suicídio de um casal que possuem um amor impossível, como Romeu e Julieta. A primeira forma é direta e com baixa carga sentimental; a segunda é indireta e com maior carga sentimental. No caso da carta de Marx, havia um elemento direto, mas de baixa carga sentimental, e com graus diferenciados para os dois indivíduos. No fundo, os sentimentos que se solicitava de Marx seriam em relação à perda de Engels e não em relação à mãe deste, propriamente dita.



Transformar esse acontecimento específico em uma base interpretativa da sensibilidade ou insensibilidade de Marx é algo totalmente equivocado e sem fundamento. E mais ainda pelo motivo que não precisa ser psicólogo para saber que existem pessoas que manifestam mais intensamente seus sentimentos, inclusive publicamente, e tem outras que são mais reservadas e evitam manifestar seus sentimentos, bem como pelo fato de que isso se manifesta diferentemente dependendo do contexto, meio de comunicação, etc.

Uma outra acusação contra Marx é a de que ele era “satanista”. Essa acusação pode ser vista, por exemplo, na obra de Richard Wurmbrand, pastor protestante na Califórnia, e publicado sob a forma de livro, com diversas traduções para vários idiomas. O título sugestivo é “*Era Karl Marx um Satanista?*”. O autor, um conservador extremista, tenta provar que Marx é um satanista através de uma descrição de trechos de algumas obras, especialmente as de juventude, nas quais, supostamente, haveria algum elemento que apontasse para o “satanismo”. O processo de composição do ataque é através de diversos elementos: descontextualização de frases, confusão entre crítica da religião com satanismo, uso de trechos de obras literárias (portanto, ficcionais, que Marx produziu em juventude), como se fossem afirmações sobre posição diante de Deus e do Diabo, afirmações metafóricas sobre dinheiro e sociedade como se fossem declarações satanistas e referências a Satanás, entre outros absurdos, que somente pessoas acrílicas e que desconhecem sua obra poderiam acreditar.

Porém, nem é preciso refutar essas peripécias interpretativas, pois são totalmente sem sentido. Marx era não-deísta, ou melhor, se tornou assim. A partir do momento em que ele se torna não-deísta, ou “ateu”, ele deixa de compartilhar a crença na existência de Deus e, por conseguinte, de qualquer outra divindade, seja do bem ou do mal, para usar linguagem religiosa. Isso significa que Marx não acreditava na existência de um ser chamado “Satanás”, nem de qualquer outro, nem os subordinados de Deus e do Diabo, anjos e demônios. Então não tem sentido nenhum dizer que Marx era satanista. Ao se tornar não-deísta, Marx efetivou uma crítica irreligiosa da religião e, quando fez observações, sejam literárias ou metafóricas, estava tratando, num caso, de símbolos e não de coisas reais, não tratava de Deus ou do Diabo, efetivamente falando, que eram seres, para ele, inexistentes.

Uma outra crítica constante contra Marx é seu “autoritarismo”. Essa crítica teve como grande expoente e inspirador posterior Mikhail Bakunin, o anarquista. Porém, as críticas da Bakunin são bastante frágeis e só ganham um certo sentido na perspectiva anarquista. Uma das razões de implicância de Bakunin contra Marx era a sua erudição e formação intelectual excepcional, o que, em certos momentos, até ele elogiava. Como não podia contestar a capacidade intelectual de Marx, apelou, tal como os conservadores, o que não deixa de ser curioso, para o ataque pessoal. Acusou Marx de autoritarismo e apelou para acontecimentos na chamada “Associação Internacional dos Trabalhadores” para justificar isso. Porém, além de esquecer as práticas que efetivou no interior dessa associação, na qual buscou incluir sua seita (“sociedade secreta”) para depois dominá-la, que também podem ser consideradas “autoritárias”, também deixou de lado o seu sectarismo que tinha até elementos religiosos, apesar do caráter antirreligioso do seu pensamento (que foi herdado pela maioria dos anarquistas posteriores). Por outro lado, a crítica a Marx na Associação Internacional dos Trabalhadores se centra apenas na figura deste indivíduo e abstrai os demais, bem como as calúnias que eles faziam sobre o ex-príncipe russo e grande representante do anarquismo. Essas calúnias, obviamente, teve ressonância em Marx, que já tinha relação conflituosa e antipatia em relação ao anarquista russo.

Os atos que Marx realizou, denominados como sendo “autoritários”, ou eram decisões coletivas em determinadas organizações, ou sua produção intelectual e suas polêmicas políticas. Nesse último caso, as pseudocríticas se confundem com a acusação de “arrogância” e “ vaidade”. Mas, para encerrar o caso do autoritarismo, é suficiente afirmar que o seu maior crítico nesse quesito era mais autoritário do que ele, bem como os supostos atos autoritários são totalmente comuns e que nada têm de extraordinário ou de comparável com ações realmente autoritárias.

A arrogância de Marx é apenas um espantalho que visa assustar os crédulos que acreditam em miragens. Todo ser humano acredita nas suas ideias, nas suas concepções. Mais ainda em suas crenças arraigadas, em suas convicções e valores. No seio das famílias, nos bares da cidade, nas reuniões políticas, os indivíduos mostram com toda força as suas convicções valorativas, religiosas, políticas, etc. Seriam todas essas pessoas, no fundo, todo mundo que tem ideias e convicções, junto com a coragem para expressá-

las, arrogantes? O mais humilde indivíduo pode defender raivosamente suas crenças, mesmo sem ter pesquisado, refletido profundamente, mesmo sem ter método, informações suficientes, etc. Por qual motivo Karl Marx, um dos maiores eruditos da história da humanidade, grande e profundo pesquisador, que dedicou a maior parte da sua vida para a leitura, a reflexão e a escrita, seria diferente? A diferença é que suas convicções, que ele defendia com força e argumentos, tinham um embasamento profundo, tendo suas raízes em uma ampla consciência da história da humanidade. A leitura de *O Capital* é suficiente para saber a ampla erudição de Marx sobre os estudos dos economistas políticos (dezenas de autores citados), informações as mais variadas (históricas, estatísticas, etc.), bem como leitura complementar de filósofos, historiadores e outros.

Quando um pensador que conhece profundamente o pensamento de Hegel lê um outro pensador, renomado, escrevendo coisas equivocadas sobre dialética hegeliana, é natural que fique indignado e faça uma crítica devastadora. Foi assim que Marx escreveu *A Miséria da Filosofia*, uma resposta ao livro do anarquista Proudhon, *A Filosofia da Miséria*. Sem dúvida, também existiam motivações políticas, entre outras. Assim como Marx efetivou diversas outras críticas a diversos outros pensadores. A crítica de Marx aos ideólogos era para recuperar a verdade, para demonstrar os interesses mesquinhos por detrás de muitas ideologias, entre outras motivações. Não há nenhuma arrogância nesse caso. Desta forma, quando um camponês grita para defender sua ideia de que a religião é importante diante de um incrédulo não está sendo arrogante. Da mesma forma, quando Marx critica Proudhon não demonstra nenhuma arrogância, mas tão somente sua indignação e refutação fundamentada dos erros econômicos e metodológicos desse autor.

Seria possível contestar outras pseudocríticas a Marx, como, por exemplo, o seu suposto “racismo”. Não valeria a pena. A acusação de racismo tem uma fundamentação igual à da acusação de satanismo: descontextualização, confusão, etc. Assim, identificar racismo por ele usar o termo “mouro”, esquecendo-se de que esse era um apelido que ele mesmo tinha, por exemplo, é apenas mais uma descontextualização. Ou então pegar uma citação na qual ele ironiza Proudhon, com sua concepção de que existe um lado bom e um lado mau em tudo, e pergunta sobre o lado bom da escravidão, acaba sendo convertida, numa descontextualização grosseira, em afirmação do próprio Marx e que

comprovaria seu suposto “racismo”. Essas pseudocríticas, fundadas em peripécias interpretativas, são risíveis. Por isso não nos alongaremos nessas refutações de pseudocríticas.

Podemos encerrar o presente texto dizendo que ele é desnecessário. É um texto que nem precisaria ser escrito. No fundo, bastaria a parte daqui em diante para realizar a defesa de Marx. Todas as acusações, ataques pessoais, calúnias, pseudocríticas, endereçadas a Marx são simplesmente um conjunto de deturpações, confusões, simplificações, moralismos, entre outros problemas. Mas, mesmo que parte delas fossem verdades, seriam nulas.

O procedimento até aqui foi colocar algumas das principais acusações e pseudocríticas a Marx e mostrar que as coisas não são tão simples assim, que algumas delas são equivocadas ou deformadoras, que outras precisam ser contextualizadas e entendidas, entre outros elementos. Porém, tudo isso é desnecessário. A razão disso não é uma suposta perfeição de Marx. É justamente pelo contrário. Marx era um ser humano. Como tal, estava envolvido em relações sociais complexas, tinha uma singularidade psíquica que trazia elementos variados em relação a comportamento e ideias. Logo, ele era um ser complexo e que, obviamente, possuía muitas falhas e problemas, como qualquer ser humano. O Marx perfeito não existe, assim como não existe nenhum ser humano perfeito. Marx errou em muitas coisas, certamente. Algumas que ninguém sabe e nem poderá saber. Outras que ficaram relativamente conhecidas. Outros erros e falhas, por sua vez, são mais produtos de interpretações e até de deformações.

Logo, a maior defesa de Marx é explicitar o óbvio, que ele é um ser humano e, portanto, não é perfeito. O problema é, na verdade, daqueles que exigem que ele seja perfeito. Jesus Cristo já havia desafiado a quem não tiver “pecado” atirar a primeira pedra. Se essa prática funcionasse em relação a Marx, o presente texto não existiria. Porém, os hipócritas gostam de apedrejar seus oponentes. Se não dão conta de refutar suas ideias, se dedicam ao ataque ao indivíduo, atribuem a ele o que ele não fez, não é, não defendeu, entre outras estratégias retóricas. Transformam seus méritos, como seu sacrifício pessoal para lutar pela transformação social, em demérito. Pegam qualquer acontecimento, independente do contexto, e mostram suas falhas.

Esse é o procedimento dos pseudocríticos. Qualquer ato pode ser julgado e condenado por estes, mesmo que a situação psíquica e sentimental em determinados contextos, a miséria e o sofrimento psíquico derivado do sofrimentos de familiares, entre diversas outras coisas, podem ser esquecidas. Os pseudocríticos exigem o “ser humano perfeito”. Assim, através dessa criação imaginária de um ser humano perfeito e cobrança disso no caso de determinado indivíduo, podem condenar o oponente (e, supostamente, para os ingênuos, refutar, desta forma, suas ideias) por ter feito coisas que milhões de outros fizeram, de forma bem pior e desnecessária em muitos casos, e, nesse caso específicos, elas se tornam um verdadeiro crime.

Essa criação imaginária, no entanto, carrega um ocultamento. Uma frase de Marx é interessante para mostrar isso. Certa vez ele questionou: “quem educa os educadores?”. A questão de Marx remete ao processo de formação dos educadores, que devem “educar” os demais. A nossa questão remete ao processo da prática da crítica (no caso, da pseudocrítica). A pseudocrítica é moralista, descontextualizadora, que exige perfeição.

Ora, e os pseudocríticos? São perfeitos? Fazem autocrítica? Se sacrificariam (pois, obviamente, não se sacrificam e não se dedicam como Marx fez, por isso é apenas uma suposição) para defender a transformação social? Dedicariam centenas de horas lendo, refletindo e escrevendo, não para ganhar dinheiro e sim para defender a libertação humana? Quantos anarquistas de hoje, repetidores dos anarquistas de ontem, estão dispostos a se sacrificar ou se dedicar à luta ou à pesquisa para defender os interesses dos trabalhadores? Quantos deles largariam sua família e privilégios para lutar pela transformação social? Quantos deles abririam mão de um cargo de professor numa universidade para manter fidelidade às suas ideias?

A lição a se retirar disso tudo é que a competição, a mediocridade intelectual e ética, a falta de compromisso com a transformação social e a verdade, são coisas que determinam a mesquinha da pseudocrítica em relação a determinados indivíduos. O curioso é que gastam tanto tempo para encontrar defeitos, falhas, problemas, em indivíduos como Marx, e perdoam milhares de defeitos manifestos cotidianamente por seus amigos, ídolos e em si mesmos.

A conclusão final disso tudo é que o presente texto é inútil. Em defesa de Marx nada precisa ser dito, pois a história e a verdade já mostram que ele nem sequer precisa

ser defendido, pois seus equívocos, falhas, são pequenos diante de sua contribuição e de seus méritos. A sua imperfeição é humana, demasiada humana, e em pequeno grau, comparando com milhões de outros seres humanos. A sua grandeza não está em sua perfeição, inexistente, mas sim em sua luta, na sua produção intelectual, na herança humanista e revolucionária que deixou para a humanidade. Marx, ser humano, não é perfeito; Marx, militante, pensador, não é perfeito. Ele não pode ser o que é impossível para um ser humano. Ele não é um Deus, o que curiosamente alguns de seus oponentes exigem dele. Marx, além de grande teórico, é um exemplo heroico e um símbolo da luta pela libertação humana. A sua imperfeição não anula isso e nem poderia anular, muito menos refutar suas teses, pois argumentos são derrotados por outros argumentos e não por referências ao autor delas<sup>2</sup>.

O presente texto só não é totalmente inútil por vivermos numa sociedade capitalista, com todos os defeitos e problemas que ela gera, até nos melhores seres humanos, que acabam reproduzindo pseudocríticas, pois esses também são falhos, por também não serem perfeitos. Por isso a autocrítica e autorreflexão são importantes para todos os militantes, pensadores, lutadores por uma nova sociedade. Porém, em relação aqueles que são deformadores intencionais ou pseudocríticos integrais a situação é diferente, já que o que domina as mentes e afirmações destes são interesses e valores mesquinhos, com uma alta dose de hipocrisia. E a melhor defesa de Marx é, ao invés de focalizar em suas falhas e seus defeitos (verdadeiros, não os falsos e inventados), aprender com seus acertos, seus méritos, suas obras, sua luta, para assim contribuir com a transformação do mundo.

---

<sup>2</sup> Isso não quer dizer que a biografia e diversos aspectos individuais não possuem importância, pois o vínculo com interesses, valores, sentimentos, posição social, etc. são importantes para entender as motivações dos indivíduos quando produzem suas ideias, mas não para mostrar sua fragilidade e equívoco.